

RESUMO EXPANDIDO

I Congresso Cearense de Gestalt-terapia Centro Gestáltico de Fortaleza

Área Temática/Painel: Interseccionalidade e Gestalt-terapia: raça, identidade, gênero, orientação sexual, acessibilidade e multiculturalismo.

UMA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA SOBRE DESIGUALDADES: DADOS DE PESQUISA SOBRE POBREZA MENSTRUAL

(Taísi Corrêa da Silva Ledur)¹

RESUMO:

A pobreza menstrual está ligada à escassez de recursos para a vivência da menstruação, impactando diretamente a saúde, a qualidade de vida e a dignidade das pessoas menstruantes. No Brasil, centenas de milhares de pessoas que menstruam vivem sem saneamento básico em suas casas, enquanto milhões enfrentam falta de dignidade menstrual. Esse fenômeno emerge de uma confluência de fatores socioeconômicos e culturais, criando um cenário repleto de barreiras ao acesso a cuidados de saúde e limitando a participação plena em atividades educacionais e profissionais. A pobreza menstrual foi discutida com mais atenção a partir de 2021, quando a pandemia de COVID-19 agravou a vulnerabilidade social de muitas famílias e evidenciou ainda mais as desigualdades já existentes no país. Depois disso, houve grande pressão política para que a saúde menstrual fosse reconhecida como uma questão de saúde pública, uma vez que a falta de recursos básicos, como água potável, absorventes descartáveis e outros itens essenciais, comprometem a saúde dos corpos menstruantes e limita sua circulação e participação igualitária em diversos espaços da sociedade. A partir disso, torna-se fundamental discutir essa temática para prevenir a manutenção de práticas patriarcais, raciais e capacitistas, que reforçam a desigualdade de gênero e formas de dominação. A pesquisa destaca a importância de políticas de educação que integrem a temática da menstruação no contexto escolar concomitantemente com a distribuição de absorventes higiênicos, visando à promoção da saúde, dignidade menstrual e principalmente ao combate à desigualdade de gênero. Enfatiza-se ainda que, a distribuição dos absorventes isolada de uma política de educação menstrual pode corroborar para o silenciamento da menstruação e perpetuar outros tipos de tabus.

Este estudo se propõe a discutir a percepção de professoras e professores de escolas públicas sobre a pobreza menstrual. A pesquisa possui um caráter qualitativo, exploratório e descritivo, utilizando entrevista semiestruturada com doze docentes (oito mulheres e quatro homens) de escolas públicas, na região do Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul. As entrevistas coletadas foram submetidas a análise de conteúdo. Os resultados evidenciam que os professores têm um conhecimento superficial sobre o conceito de pobreza menstrual, sobre a Lei nº 14.214, sancionada em 2021, que institui a "Política de Distribuição Gratuita de Produtos de Higiene Menstrual", com o objetivo de garantir o acesso a absorventes e outros produtos de higiene menstrual para pessoas em situação de vulnerabilidade social, bem como, sobre os procedimentos para distribuição de absorventes no país e na escolas em que atuam. Além disso, a falta de formação, informação, a resistência cultural e religiosa dificultam o desenvolvimento de espaços educativos sobre menstruação nas escolas. Conclui-se que a simples distribuição de absorventes trata a situação como paliativa se não for acompanhada de uma política de educação no contexto escolar, que reconheça a menstruação como

uma questão de saúde pública, direitos humanos e caminho para reduzir a desigualdade de gênero, classe e raça. O estudo sugere que a capacitação dos profissionais escolares e inserir esse conteúdo na base curricular é essencial para promover mudanças significativas nesse contexto.

A Gestalt-terapia, enquanto abordagem teórica e clínica, busca compreender o ser humano em sua totalidade, considerando corpo, mente, emoções e suas interações com o ambiente. Essa abordagem reconhece a importância das experiências e relações na formação da identidade e na promoção da conscientização (FRAZÃO, 2013). Quando aplicada à experiência da pobreza menstrual, a Gestalt-terapia pode ajudar a entender suas múltiplas dimensões, que vão além do biológico, incluindo os aspectos sociais e culturais marcados por desigualdades. Ao destacar o aqui e agora e a totalidade da experiência, a Gestalt-terapia se alinha à interseccionalidade, reconhecendo que fatores como: gênero, classe social, raça e acesso à educação se interconectam, impactam a vivência da menstruação e o processo de ser no mundo. A pobreza menstrual, portanto, não se limita ao acesso a produtos de higiene, mas reflete sistemas amplos de opressão, incluindo estigma social, tabus e discriminações. A Gestalt-terapia que é campo de conscientização desses processos, também promove um espaço autêntico onde essas questões devem ser pautadas visando a luta por justiça social.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero, Gestalt-terapia, Interseccionalidade, Pobreza Menstrual, Políticas públicas.